

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

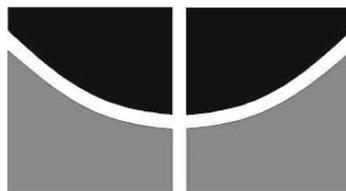
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**FORMAÇÃO PARA A AUTONOMIA NA VIVÊNCIA  
DE UMA EDUCADORA**

**JOSY DAYANNE MENDES SENA**

**BRASÍLIA, DF**

**2014**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**FORMAÇÃO PARA A AUTONOMIA NA VIVÊNCIA  
DE UMA EDUCADORA**

**JOSY DAYANNE MENDES SENA**

**BRASÍLIA, DF**

**2014**

**JOSY DAYANNE MENDES SENA**

**FORMAÇÃO PARA A AUTONOMIA NA VIVÊNCIA  
DE UMA EDUCADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

**Orientadora: Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues**

**Brasília – DF,**

**2014**

SENA, Josy Dayanne Mendes.

Ensaio - Formação para a autonomia na vivência de uma educadora./Josy Dayanne Mendes Sena. Brasília: UnB. 2013.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –  
Universidade de Brasília, 2014

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**JOSY DAYANNE MENDES SENA**

### **FORMAÇÃO PARA A AUTONOMIA NA VIVÊNCIA DE UMA EDUCADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da Comissão  
Examinadora constituída por:

---

**Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Orientadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues(Examinadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Professora Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva (Examinadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Brasília – DF, 24 de março de 2014**

Dedico este trabalho à minha família, sem ela eu não seria o que sou.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Jd 25

Agradeço aos meus pais, Joabe e Domingas, dois guerreiros que lutaram e lutam para que hoje pudesse ter a oportunidade de estar aqui.

Agradeço aos meus avós, Matilde, Irismar, José Leal e em especial José Raimundo que, mesmo estando em uma cama paralisado, me ensina a sorrir diante de todos os obstáculos da vida.

Agradeço aos meus tios e primos pelo apoio.

Agradeço ao meu melhor amigo Douglas, que me ensinou em primeira mão a autonomia de forma tão amorosa e paciente, amizade verdadeira que cresceu e virou amor.

Agradeço a Alexandra que foi verdadeiramente uma orientadora desde que a conheci, me impulsionando a repensar toda minha história de vida pessoal e acadêmica/profissional.

Agradeço às amigas da UnB que foram os melhores presentes que a universidade pôde me proporcionar, amizades verdadeiras.

Agradeço aos irmãos em Cristo que oraram por essa vitória.

*“E Ihes disse: Quem receber esta criança em meu nome a mim me recebe; e quem receber a mim recebe aquele que me enviou; porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande.” (Jesus Cristo)*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso busca compreender o processo de construção da autonomia na formação do professor por meio de diálogos com vivências de uma educadora em formação. Parte-se de uma questão desencadeadora: como os educadores constroem práticas que levam à autonomia, se em sua formação não tiveram contato com experiências pedagógicas e teorias que os ajudem no conhecimento e construção da autonomia? O Ensaio realizado inicia com a conceituação de autonomia e aborda dimensões da sua construção, buscando em autores como Paulo Freire, José Pacheco e Freinet bases teóricas e práticas para essa reflexão. Em seguida, dialoga com António Nóvoa e outros autores, sobre o *eu pessoal* e o *eu profissional* do educador, refletindo acerca do professor como pessoa, considerando o seu processo educativo em ambientes formais e informais. São revisitados e problematizados diversos espaços educativos no processo da vida universitária da formanda, recorrendo-se a registros em diários de bordo elaborados no decurso dos Projetos acadêmicos vivenciados. Reflete-se acerca de momentos significativos em diversos contextos educativos e sua importância para a construção da autonomia da autora como pessoa e educadora, destacando como as práticas pessoais influenciam práticas profissionais e vice-versa. Percebe-se a importância de vivenciar, no processo formativo, práticas de construção da autonomia que, em diálogo com a teoria, contribuam para a formação de profissionais inovadores.

Palavras Chave: Autonomia, eu pessoal/eu profissional, formação docente

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	7
RESUMO.....	9
APRESENTAÇÃO.....	11
<b>PARTE I: MEMORIAL.....</b>	<b>12</b>
<b>PARTE II: ENSAIO.....</b>	<b>19</b>
INTRODUÇÃO.....	19
OBJETIVOS.....	20
1. CONSTRUINDO AUTONOMIA: ENTRE O CONCEITO E AS PRÁTICAS.....	21
2. O PROFESSOR COMO PESSOA: UM JEITO DE SER E EDUCAR.....	28
3. A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA EM DIVERSOS ESPAÇOS EDUCATIVOS: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
<b>PARTE III: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....</b>	<b>47</b>
REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS.....	48

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta três dimensões: o Memorial, um Ensaio e as Perspectivas Profissionais.

O Memorial apresenta alguns marcos e marcas da trajetória de vida da formanda, desde seu nascimento, principalmente voltados aos processos vivenciados em contextos educativos formais e informais.

O ensaio é organizado a partir de um diálogo entre a teoria e vivências da autora no processo de construção da autonomia como educadora, com base em vários diários de bordos escritos ao longo da sua formação nos projetos 3 e 4 Práticas Pedagógicas Inovadoras do currículo do curso de Pedagogia, assim como em outros espaços formativos de caráter formal e informal.

A primeira parte do Ensaio tem como objetivo conceituar autonomia e algumas dimensões da sua construção nas experiências vividas por uma educadora em formação.

A segunda parte dialoga com António Nóvoa e outros autores, sobre o eu pessoal e o eu profissional do educador, trazendo conceitos como o de *processo identitário do professor*. Aborda um aspecto muito importante, que é o professor como pessoa, refletindo sobre o seu processo formativo.

Em um terceiro momento são revisitados alguns espaços educativos no processo da vida universitária da formanda, refletindo acerca de momentos significativos vivenciados em diversos contextos e sua importância para a construção da autonomia.

Nas Perspectivas Profissionais são abordados os planos e perspectivas para um futuro próximo da educadora já formada.

## PARTE I: MEMORIAL

Antes do Distrito Federal, morei no estado do Maranhão na cidade de Nova Olinda do Maranhão. Comecei minha vida escolar com 3 anos: fiz Jardim 1, 2 e 3 em escola particular. A alfabetização era com a cartilha, aprendi a ler aos 4 anos, minha avó conta que eu chegava em casa depois da aula e ela pedia que lesse pra ela, era o orgulho da vovó, a primeira neta aprendendo a ler.

Com 6 anos fiz uma avaliação e passei direto para 2ª série no colégio estadual Unidade Integrada Teresinha Alves Rocha, a melhor escola da cidade, com a professora Ticiania. Era uma escola do tamanho da nossa vontade de brincar, as salas eram grandes e mesmo não lembrando de muitos detalhes, recordo bem do ultimo dia de despedida na escola, onde todos se reuniram e fizeram uma festa surpresa. Foi um dia especial e empolgante, pois estava indo para outro Estado bem longe e diferente do que estava acostumada.

Em fevereiro de 2001 meu pai veio para o DF e em Abril deste mesmo ano eu, minha mãe e meu irmão viemos para Brasília. Quando chegamos a Brasília tudo era muito deslumbrante, porém imaginava que seria como as cidades que via na televisão, com prédios gigantes e sem tantas árvores. Me assustei com uma estátua de uma pessoa acenando para mim e, mesmo meu pai explicando que era uma estátua de JK, que nem imaginava quem fosse, continuava achando que ele estava acenado de verdade.

Eu tinha 8 anos e estava na 3º série, ao chegarmos minha mãe foi procurar vagas no CAIC do Paranoá. O diretor queria que eu voltasse à 2ª série, por causa da minha idade, minha mãe explicou que eu tinha pulado a 1º série e, por isso, estava adiantada. Então combinaram que eu e meu irmão, que também estava na mesma situação, faríamos uma prova e se tirássemos uma média, poderíamos fazer a série que fazíamos no Maranhão. Passamos, fui para 3ª série e ele para a 2ª série.

A escola era bem diferente, grande, muitas crianças e professores. Tinha muitos espaços para brincarmos, muitos esconderijos. Lembro da lenda de uma bruxa que ficava dentro de um armário e eu adorava ouvir as novas estórias que os amigos contavam e criavam todos os dias

Ficamos na casa de familiares no Paranoá, cidade satélite próxima a Brasília. Viemos para o DF para conseguirmos mais chances de estudo e foi exatamente o que aconteceu. A educação não era tão boa, mas as chances eram bem maiores de entrar numa faculdade e conseguir um bom trabalho.

De acordo com meus relatórios da 3ª e 4ª série no Caic Santa Paulina, sempre fui uma criança educada e comportada, o sonho de muitos professores. Algo que marcou a professora foi o meu sotaque e a boa forma de me relacionar com os outros. Tinha muita vergonha de me expressar em público, mas entre amigos me sentia bem, gostava muito das amizades. Meu rendimento era bom, apenas em Matemática sempre ficava na média, não era a mais estudiosa dos conteúdos.

Depois passei para o CEF 02 do Paranoá cursando da 5ª a 8ª. Nessa escola fiz muitos amigos, perdi um pouco a vergonha, pois não conseguia me expressar muito bem em público. Os trabalhos de apresentação sempre foram um tormento pra mim, principalmente porque não sabia o que falar. A separação de professores por disciplina foi de grande aprendizado. Era muito divertido ter professores tão diferentes em um espaço tão pequeno de tempo.

No Ensino Médio comecei a melhorar nas minhas relações com outras pessoas, porém o ensino era precário e muitos estudantes não se importavam com os estudos. Poucos professores me impressionavam em suas aulas, mas no 3º ano tive um dos momentos mais marcantes. Foi exatamente uma experiência inovadora. Tínhamos muitas disciplinas e entre elas havia P.D.(Prática Interdisciplinar), que não era uma matéria específica. O professor que ministrasse que iria escolher a temática, professores de outras disciplinas ficavam com P.D, mas na nossa turma foi a professora de Filosofia que esteve conosco. Ela nos deixou a liberdade de escolhermos qual seria a temática. Cada pessoa deu uma ideia e teria que “vender seu peixe”, frase da professora. “Meu peixe” era um Show de Talentos, foi um momento muito bom quando expliquei a minha ideia e como seria. Todos “compraram o meu peixe”, a sala foi dividida em grupos de talentos, teatro, oficina de biscuit, apresentações e um trio com cantor, tecladista e violonista. Guardo até hoje minha caneca, prêmio, e a emoção de ter feito parte daquele momento que foi tão meu e de todos que o construíram.

Na mesma época do Ensino Médio, em minha cidade, já que eu estudava no Paranoá e morava no Itapoã, conheci muitos amigos que compartilhavam do mesmos valores e que estavam na mesma faixa etária. Foi um momento enriquecedor e decisivo para a minha vida. Estava na fase da pré-adolescência para a adolescência, conhecendo amigos mais velhos, maiores responsabilidades e decidindo quais valores iriam reger toda a minha vida e foram tão fortes que me regem hoje e eternamente.

No Ensino Médio nunca tive orientação em relação à que faculdade fazer e a única vez que ouvi falar da UnB foi de uma professora que nos avisou de nem tentarmos entrar na UnB. Ela tinha tentado entrar, mas não conseguiu e seu irmão, que de acordo com ela, nem estudava para o vestibular, conseguiu, e por isso nos disse para não gastarmos nosso tempo tentando entrar e que era melhor irmos para uma faculdade particular.

Em 2009 terminei o Ensino Médio e no começo de 2010 entrei no cursinho pré-vestibular. À época meu pai já estabilizado financeiramente poderia pagar um cursinho. Ele sempre demonstrou confiança que eu iria passar na UnB e isso me ajudou muito a confiar no meu propósito. Como tinha feito ENEM em 2009, no começo de 2010 passei para 3 faculdades pelo ProUni. O melhor foi Letras em uma faculdade particular, porém desisti de todas delas com apoio do meu pai, confiando que ia passar na UnB, já que o cursinho iria me ajudar em todos os conteúdos que não aprendi no ensino médio.

No cursinho recebi várias dicas de curso e fui juntando as probabilidades de passar. Queria fazer enfermagem, mas depois da experiência de cuidar do meu avô, que tem uma doença degenerativa, decidi que não era minha área. Percebendo que meu relacionamento sempre foi bom com crianças e a nota de corte baixa, me decidi pela Pedagogia. Então, no meio do ano de 2010, passei para Pedagogia. E claro, não posso esquecer as amigadas que ganhei naquele lugar e que foram importantíssimas para esse momento de vestibulando.

Depois da felicidade de ser a primeira pessoa na família a fazer uma universidade federal e do Maranhão quase todo ficar sabendo disso, não posso deixar de agradecer ao SENHOR Deus por tudo.

Já na universidade me deslumbrei com as novidades, as pessoas, os lugares, as árvores, os passeios matinais, ser calouro, a velhice dos prédios e os professores. Uma professora que marcou já nos primeiros semestres foi a Professora Fátima Rodrigues na disciplina *O Educando com Necessidades Educacionais Especiais*. Mesmo não sendo a área que mais me interessava, a professora tinha uma forma diferente de passar aquela disciplina e já nos primeiros semestres fui me apaixonando pela Pedagogia.

Passei por várias fases em relação ao reconhecimento do curso e da profissão, às vezes me sentia muito bem com a pedagogia, outras vezes me sentia como a maioria imagina ser a função do professor. Com o tempo e por meio de diálogos, debates, conversas e visitas, percebi e me reconheci como uma pedagoga em formação, algo que nunca mudará, pois sempre estarei em formação.

No 3º semestre tínhamos que escolher um projeto, Projeto 3, e como estava perdida decidi me agarrar nas colegas e na professora em que confiava e, ainda meio perdida, me encontrei em *Práticas Pedagógicas Inovadoras*. O projeto foi impressionantemente inovador, pois ia contra tudo o que já tinha visto na minha vida e precisei por várias vezes reavaliar várias atitudes que não iam bem ao encontro do projeto. E só quem esteve em todos os nossos encontros sabe como foi toda essa mudança que acontece até hoje. Mergulhei no projeto com a vida inteira! Ao longo dos encontros ia percebendo como eu estava cheia de práticas autoritárias e que iam contra o que eu percebia como melhor para mim, para as crianças e para a educação.

Na Fase 1 do Projeto 3 *Práticas Pedagógicas Inovadoras*, conheci de perto, em visitas e conversas com pessoas que trabalham nessas escolas que utilizam práticas inovadoras como base de sua estrutura, práticas alicerçadas em valores como solidariedade, reponsabilidade, autonomia e democracia. Foi um momento de grande deslumbramento e questionamento juntamente com a professora Fátima Vidal e colegas do projeto.

Na fase 2 do projeto fiquei mais acanhada com a nova professora, que tinha um ar muito diferente, um jeito de observar e sempre anotando. Com o tempo me acostumei e comecei a amar todos os momentos. Contamos com a professora Alexandra Rodrigues, que trouxe grandes reflexões e momentos maravilhosos,

juntamente com as colegas que a cada dia foram criando vínculos mais fortes num mesmo propósito. Todas as semanas tínhamos encontros e faltava tempo para contarmos e refletirmos acerca de todas as experiências vivenciadas. Falávamos que as tardes de sextas eram terapias para renovar nossas forças no nosso propósito de mudança das práticas tradicionais. Essa fase foi de grande partilha e reflexão por parte de todas, que se entregavam às vivências umas das outras.

Nessa mesma fase também participei de uma Oficina de Teatração, no horário vespertino do período integral de uma escola de ensino fundamental na Asa Sul, no contexto do Projeto de Extensão Diálogos com Experiências Educativas Inovadoras. Nesse horário as crianças ficavam com monitores que vinham de faculdades particulares de cursos que muitas vezes não tinham nada a ver com educação: muitos monitores gritavam, não sabiam como tratar as crianças, demonstravam que não estavam preparados, o que por muitas vezes não é muito diferente de professores formados ou que estão há muito tempo trabalhando.

Nessa oficina as crianças escolhiam se iriam participar e com isso se comprometiam a continuar até o fim na mesma. Em sua maioria as crianças continuaram e gostaram muito das atividades que eram propostas. Um dos dias mais envolventes foi quando aprenderam a fazer machucados artificiais. Essa oficina me fez perceber melhor as crianças no espaço da escola pública, já que foi um dos primeiros contatos que tive, e por um bom tempo, com crianças no espaço escolar,. Era um momento mais livre e aberto, conhecendo as crianças com meu olhar e num momento de livre escolha.

A cada encontro que tínhamos, as indagações sobre muitas questões cresciam. Gostava muito desse momento, dessa possibilidade de estar na escola e refletir sobre tudo que acontecia naquele espaço. Também aprendi muitas coisas com os encontros e uma das mais marcantes foi me soltar e brincar como criança com as crianças.

Já no Projeto 4 fase 1 aprofundamos teoricamente sobre temas diversos que escolhemos e fiz estágio obrigatório em uma escola associativa sem fins lucrativos que se utiliza de práticas alicerçadas em valores como solidariedade,

reponsabilidade, autonomia e democracia e tem como ideia principal aliar a proposta educacional inovadora com a experiência associativa, onde todos participam da construção da escola em todos os seus aspectos. Nesse estágio pude observar duas vezes por semana as atividades de uma sala com 12 crianças na faixa de 3 e 4 anos com dois educadores, no período do último semestre do ano. Conheci de perto as práticas da escola que conhecia só através de conversas nos projetos da UnB, tive um contato maior com os educadores e pude ter certeza da beleza e seriedade das práticas inovadoras. No final do estágio tinha várias perguntas que se resumiram na questão da construção da autonomia.

Continuei visualizando a mesma escola e percebi que seria ótimo se continuasse com as mesmas crianças que agora já haviam passado para outro ciclo. Fiquei por 10 semanas, indo 3 vezes por semana. Essa experiência foi grandiosa, pois participei ativamente das atividades e também de alguns *contraturnos (momentos de organização e escolha das atividades)* com as professoras, dei algumas ideias de atividades. Mas algo que mais marcou foi o relacionamento de que tive com as crianças.

O tema do diário de bordo que elaborei era *Processos pedagógicos de construção da autonomia da criança*. Naquele espaço me voltei para momentos em que percebia a construção da autonomia e muitos momentos assim aconteceram. Aspectos percebidos que ajudaram na construção da autonomia das crianças:

- As atividades eram pensadas para e com as crianças
- Os momentos dos conflitos das crianças eram valorizados
- As crianças eram ouvidas e levadas a sério

Muitos outros aspectos foram percebidos e serão mencionados ao longo do trabalho.

O que aprendi com as crianças, as educadoras, o espaço, cada pessoa que estava ali, foi grandioso e nunca será esquecido: cada carinho, cada brincadeira, cada chorinho e “não gostei” foram imprescindíveis para meu crescimento como pessoa e pedagoga.

A partir dessas experiências com práticas pedagógicas percebi que deveria continuar a refletir acerca desse tema na monografia, agregando outras experiências marcantes na minha construção como educadora.

## **PARTE II: ENSAIO**

### **INTRODUÇÃO**

Ao longo da minha formação por meio dos projetos 3 e 4 da Faculdade de Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras, fui instigada a refletir sobre as minhas práticas diárias que refletiriam dentro de sala de aula. As posturas e práticas dos professores são carregadas de valores pessoais da vida do professor que muitas vezes não são pensadas, percebidas ou refletidas, sendo que essas posturas e práticas pesam no espaço escolar.

As reflexões e mudanças que aconteceram foram grandiosas e me fizeram perceber a importância delas na minha formação como educadora. Assim, vivenciei a formação das crianças por meio da participação que tive dentro de escolas onde ocorriam verdadeiros processos de construção da autonomia, mas também acompanhei crianças que viviam práticas pedagógicas contrárias.

O que me desperta, tanto na teoria como na prática, é o aluno como sujeito participante do processo, e uma escola que seja feita com e pelos alunos mediados por professores que respeitem esse espaço e tenham total certeza e conhecimento do que fazem.

A questão que destaco é a do educador ainda em formação como sujeito do de construção de autonomia no processo ensino/aprendizagem, juntamente com seus colegas e docentes. Como mediador do processo de ensino e aprendizagem, o professor requer uma preparação em que a autonomia faça parte das suas vivências e reflexões.

Estas questões conduzem à pergunta central desencadeadora de um ensaio em três capítulos: como os educadores constroem práticas que levam à autonomia, se em sua formação não tiverem contato com experiências pedagógicas e teorias que os ajudem no conhecimento e construção da autonomia? Por isso neste trabalho pretendo entremear minhas reflexões com relatos de episódios marcantes da minha formação, na perspectiva do constante diálogo prática-teoria.

## OBJETIVOS

- **Objetivo Geral:**

Compreender o processo de construção da autonomia na formação de uma educadora.

- **Objetivos específicos:**

- Refletir sobre o professor como pessoa.
- Compreender o processo formativo em seus caminhos e contradições.
- Conceituar autonomia e sua construção.
- Revisitar e refletir acerca de vários espaços de construção da autonomia na experiência de uma educadora em formação.

## 1. CONSTRUINDO AUTONOMIA: ENTRE O CONCEITO E AS PRÁTICAS

Autonomia, segundo o *Minidicionário da Língua portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira* que ganhei na 3ª série da “Tia Celê”, é: *Faculdade de se governar por si mesmo. 2. Direito ou faculdade que tem uma nação de se reger por leis próprias. 3. Distância máxima que um veículo pode percorrer sem reabastecer de combustível. E autônomo é: 1. Que tem, ou em que há autonomia. 2. Que não depende de outro.*

Olhando os significados no dicionário e nas minhas vivências, percebo a autonomia como algo que tem como foco a própria pessoa. “[...] autonomia é o primeiro elemento de compreensão do significado de “sujeito” como complexo individual.” (PACHECO, s/d, p. 3). Como falar de autonomia sem falar do sujeito? Sujeito que é complexo. Sobre complexidade, recorro a como Edgar Morin explicita seu entendimento: “ [...] há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações [...] nada está realmente isolado no Universo e tudo está em relação.”(MORIN, 1996, p.274-275).

Para compreender a autonomia, preciso perceber o sujeito como complexo, assim como seu próprio corpo que tem membros com diferentes características, interligados de diversas formas. Assim é o sujeito e a sociedade em que vive. Ao longo dos tempos a sociedade, e conseqüentemente a escola, foi separando o conhecimento em “caixas”, como se todas as coisas fossem na realidade assim. Resultado disso: a formação de especialistas em cada centímetro do corpo que não compreendem que as partes têm suas singularidades e individualidade, e principalmente, fazem parte de um todo. (Idem, Ibidem).

A autonomia me faz perceber o outro como sujeito ativo de seu processo de vida, e essa relação não muda na escola. A criança, o adolescente, o jovem, o adulto ou o idoso que é autônomo percebe o seu espaço e o reconhece como seu. E tudo que é meu, eu cuido! O mito greco-romano do Cuidado, como personagem,

citado por Leonardo Boff em seu livro *Saber Cuidar: Ética do humano (1999)*, relata a criação do ser humano:

Cuidado encontrou um pouco de barro, logo o moldou e deu forma, Júpiter apareceu e Cuidado pediu que soprasse espírito nele, no final do mito, Cuidado, Júpiter e Terra discutiam quem daria o nome à criatura, Saturno foi nomeado árbitro e decidiu que Júpiter receberia o espírito de volta quando a criatura morresse, Terra receberia o corpo quando a criatura morresse. Mas como Cuidado moldou e formou a criatura, ela ficaria sob seus cuidados enquanto vivesse.

O mito trata da relação que Cuidado teve com a criatura, relação que foi maior do que com qualquer outro ser, e como fruto disso recebeu a missão de cuidar da criatura. O moldar aqui significa o sentir.

Boff nos explica melhor essa questão no trecho a seguir, comentando acerca das relações entre o sentir e o cuidar:

É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado nos deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente. (Idem, *Ibidem*, p. 1)

O cuidado é importante no espaço escolar, como posso estar em um espaço cinco horas ou mais por dia, cinco dias por semana e não ter cuidado nesse espaço e muito menos com as pessoas desse contexto? Quando o cuidado está presente na escola, ela se torna importante para aqueles que estão carregados desse sentimento, que precisa andar conosco ao longo da vida, nos diversos locais que passarmos e principalmente com as pessoas que estão a nossa volta.

Ao longo da minha formação universitária tive professores que cuidadosamente desenvolveram posturas de autonomia para reger suas aulas, autonomia que levava o estudante ao entendimento do seu papel dentro do processo educacional, e assim a uma responsabilidade pessoal em relação ao que se comprometia. Faziam-nos perceber participantes de todo o processo, as aulas se tornavam encontros de pessoas com um mesmo propósito onde todos partilhavam

suas experiências sem se preocupar com o olhar do professor como autoridade da sala.

É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. (FREIRE, 1996, p. 10)

Essas atitudes são contra a educação bancária, como Rodrigues (2003, p.30) declara: “[...] o aluno recebe os conhecimentos que o formam, que o colocam na forma e frequentemente deforma-no.”

A minha formação no curso de Pedagogia foi um grande processo de construção da autonomia e principalmente de reflexão crítica das práticas que antes não considerava como merecedoras da minha percepção como pedagoga. Freire fala melhor sobre a importância dessa reflexão na formação: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 1996, p.43). E ainda coloco que é pensando criticamente a prática dos nossos pais e antepassados que estão enraizadas em nossas práticas que se pode melhorar as próximas práticas: nossas, dos alunos, dos nossos filhos e de todos aqueles que estiverem ao nosso redor.

Quando ouvia: “Criança não tem querer!”, “Isso é falta de apanhar, por isso que está assim!”, “Adulto fala, criança escuta” entre outras falas, e simplesmente copiava ao longo dos anos, acabava não percebendo o que estava perpetuando. Por meio do processo de conhecimento das práticas educativas - e como elas são importantes no processo educativo e como a reflexão crítica sobre elas é imprescindível! - pude compreender que essas pequenas frases fundamentavam a minha relação com as crianças. Relação que era autoritária, de cima para baixo, sem respeito aos seus saberes, sem valorização da infância, e principalmente, sem reconhecimento da criança como um ser, mas apenas como um *ser a vir*.

Não tinha consciência da importância que era refletir e entender minhas ações e o que elas poderiam e podem acarretar na ação educativa. Tais práticas iam contra o que estava aprendendo e vivenciando na minha construção da

autonomia. Como estava e estou disposta a mudar tais práticas, vivencio vários impactos e conflitos em relação aquilo que devo fazer e aquilo que faço como educadora. Tais ações decorrem de características pessoais que todos levam ao longo da vida e isso não muda quando essa pessoa é um educador, na medida em que os professores são, antes de mais nada, pessoas (NÓVOA, 1995). Sobre a personalidade dos professores e suas implicações nos processos educativos falarei mais profundamente no próximo capítulo.

Foi por meio da reflexão crítica das professoras do Projeto 3 - Práticas Pedagógicas Inovadoras, que eu pude aprender e apreender sobre tudo isso que falo hoje e que busco todos os dias.

Certo dia, em mais um encontro do referido Projeto, em meio as nossas discussões, reflexões e diálogos, revelei que queria conhecer a escola tradicional, antes de contatar práticas inovadoras. Isso mesmo! Apesar de estar no 4º semestre ainda não tinha tido um contato direto e amplo com as escolas que tanto criticava (claro que estudei nelas), porém precisava entrar na escola, tocá-la com essa nova postura.

Em conversas com colegas que começaram o curso comigo, percebi que confundiam a autonomia com ausência do professor, de regras e até de adultos, porém o que compreendi ao longo de tudo o que vi, ouvi e vivi, foi que a autonomia vai muito além de tudo isso. Descobri que a autonomia na escola funciona quando a escola é e *está* para a criança e isso significa sua participação ativa em todos os espaços da mesma.

A escola que *está* para a criança não tem medo da experiência, pois sabe a importância que ela tem na construção da autonomia. Por isso na perspectiva de Freinet “a experimentação é o eixo em torno do qual devem girar todas as aquisições infantis, organizando o meio para favorecer a tentativa experimental” (ELIAS, 1997, p.36). A criança necessita da experimentação para aprender. Como a criança aprende a andar sem ter livremente um espaço em que possa firmar os pés, assim podendo entender que precisa do equilíbrio para conseguir esse feito? As escolas até querem ensinar a andar, mas como, com todos sentados!?

Freinet, ao longo de toda sua história como educador, percebeu a importância da experiência no contexto em que viveu, e a importância da mesma na sua proposta pedagógica e nos dispositivos de trabalho desenvolvidos, visando a autonomia das crianças.

Os *combinados*, dispositivo de uma educação com autonomia, aparecem, também, por meio da experiência. Pude perceber isso em vários momentos do estágio obrigatório (Projeto 4) realizado na Associação Pró Vivendo e Aprendendo, associação fundada em Brasília há 30 anos por pais insatisfeitos com a educação infantil tradicional. Sem fins lucrativos, a Vivendo tem como ideia principal aliar a proposta educacional inovadora à experiência associativa, na qual cada pessoa atua no sentido de preservar e enriquecer a associação, onde o respeito à individualidade em conceito e prática acontecem no dia a dia da escola, formando crianças e adultos criadores do próprio processo educacional.<sup>1</sup>

Na Vivendo, no Momento do Parque, todas as crianças da escola brincavam juntas. Sempre acontecia de a criança perceber a necessidade dos combinados quando alguém não fazia algo que ela queria. Ao longo das brincadeiras os combinados eram criados pelas próprias crianças e por muitas vezes lembrados.

E os *combinados*, são combinados por quem e com quem? Um dos dispositivos que considero mais importante na construção da autonomia são os *combinados* e em várias escolas públicas e particulares por que passei os vi muito parecidos na forma e nas palavras: ficavam grudados nas paredes, muito bem “feitos” por professoras(es), com frases do tipo, “Não pode bater”, “Não pode xingar”, ou seja, quase sempre definidos negativamente e sem a elaboração conjunta das crianças. No estágio que realizei na Vivendo e Aprendendo descobri o verdadeiro significado de combinados no âmbito de uma pedagogia da autonomia. Utilizo do significado que o *Dicionário Vivendês e aprendendês*<sup>2</sup>(2004) traz:

---

<sup>1</sup> Em <<http://vivendoeaprendendo.org.br/o-que-e-a-vivendo-e-aprendendo>> Acessado em 19 de mar de 2014.

<sup>2</sup> Dicionário utilizado na revista *Escrevendo e Aprendendo* produzida pela escola, que pode ser encontrada na mesma.

São construídas juntamente. Elas próprias verbalizam situações a partir de experiências vividas em sala de aula, por exemplo: o combinado de não bater em outras pessoas surge de uma briga ocorrida na sala, o combinado de tampar canetinhas após uma atividade plástica surge da constatação de que elas secam quando fazemos isso etc. É importante que esses combinados venham das próprias crianças, para que não seja algo imposto e sim construído a partir da relação da criança com o outro. (Santiago e Gomes, 2004, p. 37)

Sem experiência, como os combinados poderiam ser percebidos por todos como importantes?

Em uma das minhas observações do estágio obrigatório na mesma escola, que acredita e pratica a construção da autonomia, numa sala de crianças de 3 e 4 anos, Ronaldo<sup>3</sup> estava muito agitado e por vezes machucava outras crianças. Chaves, que é uma criança muito reservada e eram poucas as vezes que o via reclamando de algo, exclamou a Ronaldo no momento que machucou um colega:

*-Tem combinado aqui que não pode bater.*

A criança que experimenta, percebe a importância de tal regra e sempre que necessitar vai usá-la. Essa construção demanda tempo e esforço de toda a escola para que a criança possa perceber e utilizar os combinados que ela própria criou com outros.

Tanto os combinados, como qualquer criação da criança, devem emanar de livre expressão. As crianças podem chegar a conclusões impressionantes! Certa vez as educadoras levaram as crianças para o parque para brincarem de “pescaria” e “argola na garrafa” e uma das crianças naquele dia conseguiu ter paciência:

**Ronaldo:** *Ah não consigo pegar nenhum peixe.*

**Roni:** *Precisa de paciência pra pescar.*

*Depois de um tempo, outra criança que tinha ouvido a conversa anterior, concluiu:*

**Lia:** *Conseguí pegar um peixe, agora eu tenho paciência!*

---

<sup>3</sup> Os nomes das crianças são fictícios para preservação de identidade das mesmas

Portanto, a partir das reflexões e práticas vividas, percebo que a construção da autonomia da criança, assim como do adolescente, do jovem, do adulto ou do idoso envolve questões como espaço, relações interpessoais, meios, sentimentos, combinados, experiência, participação ativa, livre expressão. Esses são aspectos que percebi importantes no meu processo de construção de autonomia e creio que serão relevantes no processo dos educandos. Até mesmo porque, no sentido freiriano, somos todos e educandos e educadores: “Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender”.(FREIRE, 1996, p.30).

Esse breve texto foi uma pequena explicitação do que considerei importante na minha construção da autonomia, que foi profunda e marcante. Ao longo do trabalho irei explicitar mais dimensões que trazem o tema da construção da autonomia, assuntos que foram pensados e repensados, rabiscados e apagados, apareceram, desapareceram e reapareceram nessa cabeça tão complexa que tenta organizar o pensamento não em caixas, mas em uma colcha de retalhos, daqueles bem coloridos.

## 2. O PROFESSOR COMO PESSOA: UM JEITO DE SER E EDUCAR

Pensei que seria só mais um encontro, numa sexta feira, do projeto Práticas Pedagógicas Inovadoras, onde todas iriam dialogar suas experiências da semana. Como eu sempre era última a falar, decidimos que nesse dia começaria por mim. Então logo comecei a expressar algo que estava muito forte na minha construção de autonomia: a dimensão pessoal nas práticas pedagógicas inovadoras.

Eis aqui uma parte do diário de bordo desse dia:

*...contei um pouco sobre minha dificuldade entre a autonomia no projeto e a realidade da minha vivência, que foi em escolas tradicionais públicas; também fui criada de uma forma bem “normal” e parecida com muitas outras, onde criança tem que ficar quieta, não pode se meter em conversa de adultos, não pode ser respondona, não pode, não pode e não pode (não foi tão ruim assim, a gente até se acostuma). Até que chego à UnB e conheço formas tão diferentes de educar, principalmente diferentes do que aprendi que era o certo e o melhor. (08/06/2012)*

A relação que tive quando criança com os adultos influenciou diretamente na relação que tenho hoje com as crianças. Era uma relação de um olhar de cima para baixo, onde o adulto impõe tudo, gostos, fazeres, escolhas, atitudes de forma autoritária e sem explicação prévia. Criança é vista como um *ser a vir*, que não expressa seus desejos, principalmente quando estes se chocam com os dos adultos, deixando implícito, a falta de compreensão de que a criança têm desejos e vontades e que esses devem ser compreendidos pelos adultos. Total desvalorização da infância como momento importante para a criança, para construção do sujeito completo. Esses valores acerca da criança e da infância, entre muitos outros, se tornaram “normais” ao longo das minhas experiências com as crianças; mesmo nos momentos de conflitos com crianças não percebia como esses valores traziam resultados negativos para a experiência. Até que optei por esse curso que me leva à escolhas de atitudes, entremeadas por valores pessoais, principalmente quando se trata da relação com as crianças.

É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. (NÓVOA, 1995, p. 10)

Muitos são os formadores que não percebem o professor como pessoa. “Constata-se que os formadores não têm suficientemente em conta outras questões centrais - que o educador é o principal “utensílio” do seu trabalho e que é o agente principal da sua formação. (MOITA, 1995, p. 114(1). Certamente uma formação que valoriza o tempo todo os conteúdos disciplinares e metodologias, e que não leva em conta a pessoa do educador, sua história e identidade, assim como o processo de autoconhecimento, será uma formação fragmentada e incompleta. Como afirma Nóvoa (1995, p.16), “A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão.” Por isso o autor considera a importância da construção do processo identitário do professor.

Ao longo do processo de formação, como já foi mencionado, tive a oportunidade de participar do projeto Práticas Pedagógicas Inovadoras, cujos objetivos iam diretamente ao encontro de muitos dos valores que tinha como alicerce nas minhas práticas. Porém, esses valores só foram percebidos ao longo da construção de um processo identitário, que me fez e faz refletir e investigar toda minha história de vida. Algo importantíssimo para esse processo foi o autoconhecimento que construí ao longo de reflexões críticas voltadas para a minha criação familiar. Olhar para todo o meu processo de vida, desnaturalizá-lo, foi algo muito impactante e corajoso. Ao mesmo tempo que estou criticando a mim mesma, critico toda história de vida que inclui toda minha família e crio formas de estar e ser professora.

Ao longo da ação profissional baseada em certos princípios, tem sido frequentemente exigida uma dissociação entre o *eu profissional* e *peçoal* (NÓVOA, 1995). Ambos se esbarram, muitas vezes colidem, cabendo ao professor escolher qual irá usar. Mas, como lidar com essas contradições? Mesmo aprendendo na universidade que certos princípios e práticas são importantes, há uma história de vida que já lhe ensinou vários princípios norteadores que não foram tão refletidos e estudados, mas que estão presentes ativamente nas suas práticas em todos os lugares em que o sujeito está presente.

E foram exatamente os meus princípios do *eu pessoal* que se confrontaram com o *eu profissional*, já que eram opostos em muitos pontos. Parece uma questão

tão simples e óbvia, porém trata-se de algo que marcou e marca todo o meu processo educativo e por isso decidi, com ajuda da orientadora, aprofundar esse tema.

Os momentos mais difíceis foram e são quando tive e tenho que praticar, principalmente em casa, tudo aquilo que aprendi a aprender sobre a criança e a infância. Mesmo porque não posso tratar a infância e a criança com uma postura de autonomia dentro da escola e logo, após algumas horas, chegar em casa e deixar todas essas práticas na porta antes de entrar. Reconheço que estou em um processo onde as práticas autoritárias estão impregnadas no meu modo de ser e agir e preciso a todos os momentos lutar contra elas, com toda reflexão crítica possível e força de vontade.

O sujeito é formado ao longo da sua vida. Moita (1995) declara que um percurso de vida é um *percurso* de formação: somos formados na escola da vida, em tantas instâncias informais e formais, incluindo a universidade. Temos nossas próprias teorias e conceitos sobre o mundo, que foram apreendidos em diversos locais, e em diversas situações. Temos como referencial pai e mãe, ou aquele que nos criou e esteve mais perto nos momentos importantes; por meio deles, ou seja, de tudo que eles já aprenderam ao longo da vida, construímos nossos primeiros conceitos sobre o mundo. Com o passar do tempo e por meio de novas experiências em contextos mais amplos, vamos apreendendo novos conceitos sobre o mundo. A chegada à escola é também um novo universo, onde tudo se torna aprendizado. Muitos aprendizados são percebidos explicitamente, mas da maioria não nos tornamos conscientes, principalmente no que concerne atitudes, valores, formas de ser e estar no mundo. Essa prática se estende a todos os contextos, incluindo o profissional.

A separação entre o *eu* pessoal e o *eu do professor* foi dominante na escola por longo tempo: racionalizar o ensino para o maior controle do que pudesse acontecer na sala de aula, assim tornando mais eficiente o trabalho escolar. Esse caráter de controle e racionalização é ilusório e sem fundamentos, principalmente em relação ao professor. Já que se trata de uma profissão na qual a subjetividade e a afetividade imperam, os sujeitos, com toda sua trajetória de vida, sentimentos, emoções, manias, princípios, estão presentes ativamente no processo educativo.

Muitos são os professores – e também as instâncias formadoras - que não compreendem todo esse processo, isto é, que o *eu* profissional não pode ser separado do *eu* pessoal, as experiências e escolhas que faço em uma área refletem totalmente na outra.

Com a expansão dos sistemas educativos na segunda metade do século XX, a busca por modelos racionalistas foi grande, porém nada útil. Não é possível reduzir a vida escolar às dimensões racionais, pois o ser e a convivência são importantíssimos, muito mais do que os conteúdos. Essa onda de racionalização fixou a visão da educação simplesmente na técnica da ação pedagógica, reduzindo o professor a um conjunto de competências e de capacidades, assim criando uma crise de identidade dos professores. (Nóvoa, 1995)

Porém, no ano de 1984, com a publicação do livro *O professor é uma pessoa*, de Ada Abraham, as turbinas aqueceram para um novo olhar sobre a vida dos professores, as suas carreiras, o seu desenvolvimento pessoal, ou seja, o professor considerado integralmente.

A partir desse marco, as práticas de formação de professores assumem um lugar fundamental nesse processo de confronto. Questões como a formação da personalidade de professores e alunos passam a ser consideradas, investigadas, aprofundadas. A Introdução do livro *O professor como pessoa* de Jesus Maria Sousa traz alguns questionamentos sobre retalhos da magna Carta da Educação de Portugal que tratam da responsabilidade do sistema no desenvolvimento global da personalidade dos alunos. Diante disso, Sousa questiona a operacionalização dos princípios expostos da carta com perguntas que se voltam para a própria escola ou para o aluno. Porém, a autora termina seu exposto chamando a atenção das instituições de formação inicial de professores, para que antes de qualquer política educativa sejam elas as primeiras a iniciar um processo de mudança que envolva da mesma maneira, formadores, professores e alunos. A pergunta final é lançada: “[...]Porque não começar então pelo início , ou seja, pela formação inicial de professores do 1º ciclo do Ensino Básico?[...]” (SOUSA, 2000, p. 16[2])

Ao longo dos encontros do Projeto Práticas Pedagógicas Inovadoras, fui compreendendo como as práticas inovadoras fundamentadas na perspectiva dialógica, construtivista e autônoma seriam imprescindíveis na minha prática como

educadora na construção da autonomia dos educandos e por isso aderi a elas como a melhor maneira de agir. Contudo, esse não foi um processo fácil nem rápido, antes representou um desafio à minha construção identitária. Nóvoa (1995, p.16), ao indagar como “a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor”, menciona três dimensões que estão na base do processo identitário dos professores e que, de alguma forma, vivenciei: adesão, ação e autoconsciência.

*A de Adesão*, porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores, a adopção de projectos, um investimento positivo nas potencialidades das crianças e dos jovens. (NÓVOA, 1995, P.16)

Porém, ao mesmo tempo que ouvia e via sobre isso, na ação, quando me relacionava principalmente com crianças, acabava percebendo como estava sendo/agindo totalmente diferente daquilo que achava tão correto. Preocupada com minha prática educativa, comecei a me indagar: como poderia ser uma professora com tais bases se não as tinha na vida pessoal, no dia a dia? “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”(NIAS, apud NÓVOA, 1995, p.9). Então, uma certa maneira de ser e estar na vida implicava em um certo tipo de ação de educativa?

*A de Acção*, porque também aqui, na escolha das melhores maneiras de agir, se jogam decisões do foro profissional e do foro pessoal. Todos sabemos que certas técnicas e métodos “colam” melhor com a nossa maneira de ser do que outros. Todos sabemos que o sucesso ou insucesso de certas experiências “marcam” a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou aquela maneira de trabalhar na sala de aula. (NÓVOA, 1995,p. 16)

Tudo isso faz parte de um complexo processo de construção de identidade, na medida que me aproprio da história pessoal e profissional. “[...]É um processo que necessita de *tempo*. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças.”(NÓVOA, 1995, p.16). Nesse contexto, a terceira dimensão considerada pelo autor parece ser fundamental:

*A de Autoconsciência*, porque em última análise tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria ação. É uma dimensão decisão da profissão docente, na medida em que a mudança e a inovação pedagógica estão intimamente dependentes deste pensamento reflexivo” (NÓVOA, 1995, p.16)

A dimensão da autoconsciência me faz todos dias perceber as minhas práticas e escolher a melhor, baseada em todos os princípios que vou apropriando. Necessito a todo momento de um pensamento reflexivo para que assim ocorra a mudança naquilo que possa ter feito e que não ajudou o processo educativo das crianças.

Toda essa reflexão crítica sobre os “eus” e os três AAA pôde ser feita por meio da abordagem autobiográfica, que tem como sustentáculo a investigação-formação. O uso de tal abordagem se expandiu no final dos anos 70 por sua importância no universo educacional. Apesar de suas fragilidades, é inegável a importância das histórias de vida na educação. Ainda necessita de um caminho mais longo em termos de ação e uma integração teórica que dê conta da complexidade das práticas (NÓVOA,1995). E como já foi mencionado, foi exatamente a abordagem autobiográfica, por meio do projeto “Práticas Pedagógicas Inovadoras”, que me fez iniciar essa reflexão crítica sobre minhas práticas de vida e acadêmicas/educativas, as quais irei aprofundar no próximo capítulo deste ensaio.

### 3. A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA EM DIVERSOS ESPAÇOS EDUCATIVOS: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES

- **A riqueza da simplicidade**

O processo de formação no curso de Pedagogia sempre foi bem diferente do que imaginei em uma universidade, e me agradei muito com isso. Tinha uma previsão de que os professores seriam autoritários, que apenas explicariam o conteúdo, sem nenhuma relação com os alunos, assim como imaginava que iria aprender ensinamentos cultos e conceitos e palavras rebuscadas. Algumas dessas visões aconteceram, porém o que mais me impressionou foi a simplicidade, a essencialidade e a riqueza dos aprendizados.

No primeiro semestre, na Oficina Vivencial (disciplina destinada aos calouros), aprendi com argila a me expressar de diversas formas. Na aula de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação aprendi que o nosso corpo é um instrumento e que dele sai música, a gente só precisa afinar o ouvido. Numa sala verde da Vivendo e Aprendendo aprendi que sentar no colo e ouvir uma história é o melhor aconchego quando se está longe de casa. E aprendi que o medo do novo é só mais um medo.

Percebi que essa simplicidade é inerente ao nosso trabalho, pois trabalhamos com crianças. O universo da criança é visto por muitos como inferior a qualquer outro, principalmente quando falamos de adultos, que é encarado como universo de responsabilidades, compromissos, obrigações, seriedade etc...

Essa importância que o mundo da criança recebe dentro do espaço escolar é extremamente relevante para sua autonomia. Percebo isso quando a criança reclama sobre algo e eu como adulto preciso entender a importância que ela dá, por exemplo, ao brinquedo. Como posso compreender o choro de uma criança por um brinquedo, se eu não entendo a importância que ela atribui ao brincar? Como afirma a fundadora da Casa Redonda numa publicação recente que documenta trinta anos de uma experiência educativa de respeito à cultura da criança,

“Todos somos atraídos por uma criança que brinca. Somos atingidos e afetados por certo campo magnético que a circunda – ficamos como que encantados - e tal encantamento é justamente fruto dessa qualidade de compenetração, de inteireza, de totalidade” (PEREIRA, 2013, p.30).

O olhar sério para o universo “simples” (conforme a etimologia, *único*) e lúdico da criança deve ser habitual na prática do professor. O professor deve estar para o aluno e não o contrário.

Eis o relato do dia em que uma das crianças na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo não queria escovar os dentes e me coloquei no seu universo:

*Depois que as crianças lancham vão escovar os dentes. Sumi sempre tem uma resistência nesse momento, tentando brincar de pega-pega. Nesse dia não foi diferente. Ele estava brincando de arrumar o espelho com um martelo de brinquedo e por isso não poderia escovar os dentes, pois não poderia deixar a construção sozinha; então expliquei que eu seria uma fita isoladora para ninguém entrar enquanto ele guardasse o lanche e escovasse os dentes; e assim ele fez, depois voltou para sua empreitada.(24/06/2013)*

- **Uma oficina de curiosidade**

Foi por meio da Oficina de Teatração que pude adentrar os portões da escola pública de uma forma mais atuante. Essa oficina e várias outras foram ofertadas em uma escola pública da Asa Sul, no contexto do Projeto de Extensão de Ação Continuada (PEAC) *Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras*, mais conhecido como *Projeto Autonomia*. Organizado desde 2010 por professoras da Faculdade de Educação e do Instituto de Psicologia, tem tido como parceiras escolas públicas e associativas, e implicado estudantes da UnB, de graduação e pós-graduação de vários cursos como Pedagogia, Psicologia, Letras, Matemática, Artes Cênicas e outros.

A Oficina de Teatração decorreu no horário contrário ao das aulas, no contexto do *Programa Escola Integral* do Governo do Distrito Federal (GDF). As crianças tiveram a oportunidade de escolher as oficinas que mais lhe interessavam. No caso da *Oficina de Teatração*, foram realizados encontros semanais planejados por Wellington, aluno de Artes Cênicas, com quem trabalhei em parceria. As atividades dessa Oficina me fizeram rever tudo aquilo que tinha aprendido na faculdade.

A cada atividade da oficina o envolvimento das crianças era maior, assim como a criatividade aflorada em todos os momentos. Essas atividades envolviam tarefas diferentes, e as crianças podiam escolher o que mais lhes interessasse. Assim, alguns desenhistas, figurinistas, cenógrafos e maquiadores foram descobertos.

Certo dia, Wellington nos trouxe materiais diferentes, e enquanto ele organizava a mesa, algumas meninas chegaram com uma reclamação. Abaixo um retalho do meu diário de bordo desse dia:

*Wellington arranhou uma sala para ficarmos. Enquanto as crianças chegavam, três garotas do grupo se dirigiram a mim em tom de revolta, exclamando que não queriam permanecer no grupo: estavam achando as aulas muito chatas e não estavam correspondendo ao que Wellington combinou no começo da oficina. E, como “advogadas” de si mesmas, disseram: “É nosso direito não permanecer aqui se não quisermos!”. Wellington continuou organizando os ingredientes. A coordenadora da Educação Integral da escola foi chamada e explicou que todos tinham se comprometido a ficar na oficina e por isso deveriam ficar até o fim. Mesmo emburradas, continuaram ali, e sua curiosidade aumentou com os ingredientes em cima da mesa. Era achocolatado, mel, anilina de bolo e outros materiais de que nem sabíamos o nome. Descobriram que a oficina seria de fermentos falsos, como os de filmes... Ao longo da aula de terror vimos bocas e fermentos se formarem, a cada passo as crianças ficavam mais curiosas. E as meninas do começo da história? Já estavam enturmadas! O que a curiosidade não faz?!” (14/06/12)*

A atitude de “desinteresse” de Wellington em relação às reclamações, de início, me pareceu ruim, porém ela permitiu que as próprias crianças deixassem a curiosidade ter sua vez de ser advogada e defender a sua causa. Confiar na curiosidade é imprescindível no trabalho do professor e foi ela que fez esse dia ser tão especial. Cada criança participou do processo de elaboração dos fermentos com todo o cuidado possível para que ficasse inconfundível.

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no *saber* de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. (FREIRE, 1995, p. 96).

- **Questionar não é desrespeitar**

No Projeto Práticas Pedagógicas Inovadoras conversamos um dia com pais e professores participantes da Escola de Ensino Fundamental Casa dos Pássaros. Esta nasceu das discussões de um grupo de pais e mães saídos da Vivendo e Aprendendo, com o sonho de construir uma nova escola, com base em três princípios que a Escola da Ponte já praticava: a co-responsabilidade, a solidariedade e a autonomia. Ancorados nesses princípios, os pais começaram a construir o projeto educativo, assim como à procura do local. A escola se iniciou em 2011 no espaço de natureza da UNIPAZ, onde foi desenvolvido um processo educativo com vários dispositivos de convivência e de construção de conhecimento com um pequeno grupo de crianças entre 6 e 12 anos. Pais e professores foram convidados a dialogar na UnB com os estudantes do Projeto.<sup>4</sup> Foi perguntado sobre como as crianças lidavam com as regras em outros lugares ou em casa. A seguinte frase foi dita por um dos pais:

*Quando elas chegam a um lugar sempre perguntam quais são os combinados e respeitam esses combinados. Em casa elas são muito questionadoras, aceitam combinados contanto que entendam eles. Questionar não quer dizer desrespeitar, questionar é buscar algo mais significativo, sempre respeitando a opinião dos outros. (sem data)*

Ao longo das minhas experiências com crianças, os *combinados* mexeram com tudo aquilo que já tinha visto sobre regras. Tive que me arriscar e acreditar na escolha das crianças. O medo do que as crianças podiam escolher era muito grande, mas é dele que tive que me livrar para acreditar que o combinado podia ser

---

<sup>4</sup> Em: <<http://casa-dos-passaros.blogspot.com.br/>> Acesso em 19 de março 2014.

criado por elas, pois as crianças têm opinião e esta deve ser respeitada. Por que confiar mais na minha escolha, se existe uma criança que precisa de experiências estimuladoras aqui do meu lado e que está desejando falar e combinar aquilo que ela acha melhor? A criança precisa encontrar significado naquilo que combina, e isso é um risco, para quem tem medo do novo... quantos educadores não enfrentam esse medo!

Um relato, em um encontro do Projeto Práticas Pedagógicas Inovadoras, acerca da Oficina que as colegas Karina e Cristiane construíram junto com as crianças e professora, em uma escola pública, revela a importância das escolhas das crianças:

*As escolhas que as crianças faziam eram fundamentais, escolher um livro, escolher um colega para fazer atividade, escolher o lugar pra sentar. Isso tudo ajudava muito a autonomia da criança.” (06/07/2012)*

Escolher, questionar, fazer combinados, não será o início da educação da cidadania?

- **O que é mais importante?**

Outro projeto que foi importantíssimo para minha formação foi o Observatório da Educação CAPES/MEC que tem como foco pesquisar concepções e práticas sobre letramento, são realizadas intervenções com crianças do 2º ano do ensino fundamental na perspectiva do projeto. Pude entrar na escola pública.

Por meio dele pude estar nos dois últimos anos de graduação dentro de escola pública atendendo, junto com Agnes (graduanda) e Noélia (mestranda), crianças que eram consideradas de baixo rendimento em turmas de 2º ano. Assim como em encontros semanais, na UnB com professores da Faculdade de Educação e da Secretaria de Educação. Alguns estão em processo de mestrado ou doutorado, e com eles estudamos, analisamos e planejamos os momentos nas escolas.

Logo abaixo, um trecho dos diários de certo dia que me indaguei, “Com quem está o *domínio* da criança?”:

*Mateus não queria participar das atividades e Zeca o imitava em tudo. Mateus acabava tendo a maior parte da atenção, pois queria machucar os colegas e fazer o que não estava combinado. E então me perguntei: “Como vou manter essas crianças em um local e na atividade que não querem, sem usar a força física, gritos ou outras formas de repressão? Ao redor parece que a única escolha que tenho é essa”. (09/04/2013)*

Percebo que essas crianças que não se envolvem nas atividades, não se sentem participantes do processo. Elas transparecem falta de confiança no que fazem, não levam a sério o que estão fazendo ou não vêem isso como importante. Talvez as atividades não tenham sentido para elas...

Quem têm domínio sobre a criança? E o que será “domínio”?

Quem vai segurá-la se quiser bater em todo mundo?

- A diretora?
- A advertência?
- Os pais?
- A polícia?
- A consciência da criança?

A grande questão que nos envolve quando estamos com essas crianças é o *comportamento*. Mas acima de tudo isso, está a *criança*.

O que será mais importante, a *criança* ou as *regras* já impostas na escola?

O que tem que mudar: as *regras* ou as *crianças*?”

Tomamos emprestadas as sábias palavras de Pereira:

“As crianças na verdade nos levam para uma região onde somos testados a cada momento, e cabe a nós adultos encontrar a resposta adequada num tempo e espaço que comunguem da disponibilidade para o encontro verdadeiro que somente uma relação afetiva madura pode abrigar. Nesse encontro é possível acontecer o respeito mútuo da relação de confiança e amorosidade entre seres essencialmente diferentes. As crianças falam através de imagens que precisam ser decifradas com muita sensibilidade, respeito e atenção” (PEREIRA, 2013, p.76)

- **Aprendendo e vivendo na Vivendo e Aprendendo**

### ***O lugar das coisas***

Uma das primeiras escolas que visitei no Projeto Práticas Pedagógicas Inovadoras foi a Associação Pró Vivendo e Aprendendo.

Algo que me chamou muita atenção de início foi o *lugar das coisas*. A sala era totalmente planejada para as crianças 4 anos, o filtro com água, os brinquedos, os livros, as mesas e cadeiras, o cabide para mochilas, tudo acessível às crianças. Assim como as atividades propostas pelos professores trabalhavam questões que desenvolviam a autonomia da criança, sendo que elas tinham total autonomia para fazê-las do seu jeito.

Respeitar a autonomia é promover a autonomia, e promovê-la é uma escolha. “[...]O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e um favor que podemos ou não conceder uns aos outros[...]”(FREIRE, p.66, 1996)

*O lugar das coisas* revelava o que havia de mais importante: as crianças.

No estágio obrigatório do projeto 4 fase 1 estive na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo com o ciclo 2, crianças de 3 a 4 anos, na sala azul. Foi um momento inicial de aprendizado onde as práticas que estudava e ouvia falar nas reuniões de projeto se tornavam mais intrínsecas no meu agir com as crianças. Estar num espaço onde todos cooperam para o bem das crianças, me fez consolidar as práticas autônomas que aprendi como melhores para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Combinar, convidar, abraçar, brincar, silenciar, falar, chorar, gritar, emocionar, aprendi isso e muito mais nessa primeira fase do estágio obrigatório, onde muitas foram as descobertas.

A segunda fase do projeto 4 Práticas Pedagógicas Inovadoras foi de maior intensidade, pois pude interagir e mediar com mais liberdade dentro da Vivendo e Aprendendo. Essa oportunidade única de estar na escola me fez compreender ainda mais a importância do olhar atento à criança e como a educação infantil deve ser vista como o principal momento de aprendizado de questões cruciais para toda a vida da criança.

Abaixo alguns momentos que intensificaram a minha visão sobre a importância de cada vivência e dos dispositivos pedagógicos no dia a dia das crianças na Vivendo:

### ***As crianças explicando os combinados umas às outras***

*“Depois que todos mostraram suas novidades foram “fazer água e beber xixi” (frase engraçada da educadora) para irem para o parque. Ronaldo quis levar para o parque um brinquedo que tinha trazido de casa, e a educadora avisou que não poderia, pois o combinado é esse. Então ele questionou o porquê, ela explicou que era um combinado, até que uma menina respondeu: “Porque no parque já tem brinquedo”. (As próprias crianças entendem os combinados e explicam para outras que não entendem).” (03/06/2013)*

### ***O diálogo e a resolução de conflitos acontecendo livremente sem intervenção de adultos***

#### *No Momento do Parque*

*As crianças sempre muito felizes no parque. Estava muito frio e todas as crianças achando tudo ótimo (quem não gosta de parque?!). O parque estava cheio de tendas do casamento que teve no fim de semana na escola.*

*Pude escutar um diálogo entre as crianças da sala verde:*

*Nio<sup>5</sup>: Sumi ,não gostei que você me machucou!*

*Sumi: Tudo bem Nio, desculpa.*

*Nio: Não gostei que você me machucou, você me arranhou*

*Sumi: Desculpa Nio, é que eu tenho garras afiadas. (grrrrr) (Fazendo cara de quem ainda está aprendendo a lidar com as garras novas)” (03/06/2013)*

---

<sup>5</sup> Os nomes das crianças são fictícios para preservação de identidade das mesmas.

No Momento do Lanche

*Em outro momento Sumi e Nio conversam:*

*- Sumi está triste com Nio.*

*Nio pede desculpa*

*Sumi: Somos amigos?*

*Nio: Sim! (e dão as mãos).*

*Sem nenhum adulto por perto, apenas eu observando tudo.” (10/06/2013)*

Combinando os combinados

*“Ronaldo sempre sai da sala e a educadora reclama que ele não combina pra sair, então hoje ela insistiu com ele:*

*Educadora: Ronaldo, você sai sem combinar, você não combinou comigo sobre sair!*

*Ronaldo (Quase saindo da sala segurando a porta e pensando): Tá bom, então vamos combinar. (Volta pra dentro da sala)*

*Educadora: Pode ser 2 minutos?*

*Ronaldo: Tá bom.*

*E Ronaldo sai para fora.”(12/06/2013)*

**A livre expressão de sentimentos**

No último dia de aula antes das férias do meio do ano, as crianças simplesmente demonstraram uma evolução gigantesca.

*Momento do Parque: Em um dos brinquedos Lua, Grin e Atriz alcançaram uma manobra mais difícil que não conseguiam antes, ficaram muito felizes com isso.*

*Sumi deixou que Lia ficasse com ele no balanço, algo que ele não tinha permitido em outros dias no parque, pois ele não brincava com meninas.*

*Sumi não brincava com meninas e nem com crianças muito menores do que ele, nesse último dia ele chamou Lia para brincar com ele e se libertou dessa visão de que menino não brinca com menina.*

*As crianças voltaram para sala, lavaram as mãos e levaram o lanche para o galpão, depois foram brincar. As meninas foram para um escorregador de pedra e não queriam deixar que Chico ficasse com elas, ele então com raiva disse:*

*Chico: Isso aqui é de todo mundo!*

*As meninas ouviram o que Chico exclamou e cada uma reagiu de uma forma, depois deixaram que ele sentasse com elas. Voltamos para a sala e fizemos uma roda conversando sobre esse último dia.*

Esse momento foi de grande expressão de Chico. Por muitas vezes o vi não expressando o que estava sentindo. Nesse dia ele expressou o que estava sentindo ao redor de muitas crianças. Foi muito importante ele perceber que pode se expressar assim como os outros e que assim as outras crianças vão perceber o quanto ele quer algo.

“Me ajuda a fazer eu”, é a frase de uma criança de 3 anos da Casa Redonda que Pereira (2013, p.81) destaca em um dos capítulos do seu livro. Talvez ela tenha traduzido, como ninguém, o grande desafio de uma educação atenta à criança e à sua expressão própria, de ideias e sentimentos.

### **Concluindo...**

Este último capítulo teve como objetivo apresentar, de uma forma simples e bem real, alguns relatos dos espaços que vivenciei na minha graduação, para que outras pessoas, graduadas ou não, possam compreender algumas dimensões que revisei nos diários de bordos em relação a momentos que me tocaram de uma forma intensa.

Cada espaço foi importante na construção da minha autonomia: estar em lugares totalmente diferentes em suas concepções e princípios foi fundamental.

A Oficina de Teatração foi importante, na medida que eu estava me localizando na profissão de educadora e na legitimação das práticas autônomas.

Estar na *Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo* compreendendo o seu funcionamento de perto e ter espaço para legitimar práticas que entendia como importantes foi impactante para que pudesse usá-las no meu dia a dia como práticas do meu eu pessoal, e conseqüentemente, no meu eu profissional.

O *Programa de pesquisa: Observatório da Educação*, teve e tem como principal papel a entrada mais frequente e atuante dentro da escola pública, possibilitando entender o funcionamento da escola, os professores, as crianças, a Secretaria de Educação, as cidades. Já se foi mais de um ano no projeto e grandes foram as descobertas e aprendizados, principalmente junto às crianças. Esse ano estamos mais voltados ao professores e creio que ocorrerão aprendizados e descobertas impressionantes.

Outros espaços não foram citados neste capítulo, mas não quero deixar de mencionar dois importantes lugares de formação: minha casa e a igreja (principalmente o grupo de crianças com quem trabalho). Esses lugares foram e são essenciais e decisivos para a legitimação da construção da minha autonomia. Foi nesses lugares, e ainda é, que decido sozinha o que quero e o que sou, principalmente na minha relação com as crianças. Esses dois lugares são os meus maiores desafios para ser aquilo que prego, o eu pessoal construindo o eu profissional e este se tornando parte cada vez mais significativa do eu pessoal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo compreender o processo de construção da autonomia na formação de uma pedagoga. A partir de questões que achei importantes, fui construindo esse trabalho, as questões foram nascendo por meio das visitas aos diários de bordos dos projetos e dos estágios obrigatórios, em conversas com a orientadora, que esteve em maior parte do minha construção dessa autonomia, em reflexões sobre minha prática e em diálogos com os autores pesquisados.

O trabalho requereu muita reflexão, sensibilidade e sinceridade para ser autêntico como pensei que deveria ser. Meu princípio é: “Ser do meu jeito, do jeito da Josy”. Creio que aqueles me conhecem sentiram essa sinceridade ao ler.

A perspectiva de constante diálogo prática-teoria foi imprescindível para construção desse trabalho, penso que se fosse de outra forma toda a estrutura inicial seria diferente, assim mudando o caminho deste trabalho.

Inicialmente trouxe o conceito de autonomia e as dimensões que estiveram fortes na minha formação. Muitas foram as percepções e dimensões que se o tempo e o trabalho permitissem, dariam muitas e muitas páginas, porém considerei todos os conceitos e dimensões do primeiro capítulo essenciais para o objetivo dele. Quando li para fazer essas considerações, senti um *gosto de quero mais* nesse primeiro capítulo. A ideia é exatamente essa, fazer a pessoa *sentir fome*, para buscar compreender um pouco mais sobre a autonomia e demais questões que sempre beiram a incompletude.

O capítulo dois trouxe a dimensão do professor como pessoa e da pessoa como professor. Ainda que eu não tenha uma ampla prática como professora me embasei nos momentos em que estive mais próxima das crianças, que se constituíram em significativos momentos de ensino/aprendizagem. Essa percepção que aprendi na minha construção da autonomia, sobre o professor como pessoa, foi fundamental para toda a minha percepção de como as minhas práticas pessoais influenciam as minhas práticas profissionais e como as minhas escolhas profissionais estariam diretamente conectadas às minhas escolhas pessoais.

O capítulo três teve como objetivo revisitar espaços em que estive na minha construção da autonomia, selecionando episódios que me provocaram marcas, reflexões, angústias, conflitos, questionamentos.

Concluindo o trabalho, destaco o quão verdadeiras são as palavras que estão nele. Cada ponto e vírgula foi feito da maneira mais sincera possível. Sempre que pensava no trabalho de conclusão de curso, pensava em algo que fosse útil para outras pessoas, principalmente para quem não tem muita relação com a universidade. Mas não imaginava como seria tão gratificante fazê-lo e principalmente relê-lo, percebendo que traz toda minha história dentro da universidade e como ele relata fidedignamente toda essa construção da autonomia. Espero que sirva para todas as pessoas que querem aprender um pouco mais sobre esse momento de formação, sobre autonomia, sobre criança ou sobre algum tema deste trabalho.

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Escrever sobre isso é quase uma carta dos sonhos, pois como formanda tenho as melhores perspectivas profissionais, mas um mundo diferente me espera e ainda tenho dúvidas sobre como ingressar no mercado de trabalho.

Tenho como certeza, que quero buscar sempre e em qualquer lugar que esteja, formas de ajudar pessoas com aquilo que sei. A área da educação se tornou direção para essa realização.

Desde que passei a olhar minha cidade com olhos de educadora, tenho um intenso desejo de melhorar essa realidade, dando condições às crianças de terem uma educação de qualidade.

Pretendo, seja qual for o espaço, ensinar aquilo que aprendi, e ser assim como aprendi na universidade: aprender ensinando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### ➤ Livros e artigos

Elias, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet**: uma pedagogia de atividade e cooperação. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 25ª edição.

MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In Dora Fried Shnitman (Org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de Trans-formação. In NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora Lda, 1995.

NÓVOA, António. -----título do capítulo----- . In Nóvoa, António(Org.).**Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora Lda, 1995.

PACHECO, José. Dicionários **de Valores em Educação**. Original ainda não publicado, cedido pelo autor.

PEREIRA, Maria Amélia Pinho. **Casa Redonda: uma experiência em educação**. São Paulo: Editora Livre, 2013.

RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. **Subjetivação da escrita**: um desafio psicológico na formação de professores para início de escolarização. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia. Brasília, 2003

SANTIAGO, Daniele e GOMES, Rilda. Dicionário Vivendês e Aprendendês. **Escrevendo e Aprendendo**/ [Associação Pró Vivendo e Aprendendo]. 2 ed. Nº 2 (Outubro/2004). Brasília: A Associação, 2004.

SOUSA, Jesus Maria. **O professor como pessoa**: A dimensão pessoal na formação de professores. Portugal: Edições ASA, 2000.

➤ Sites

Em <<http://casa-dos-passaros.blogspot.com.br/>> Acessado em 19 de mar de 2014.

Em <<http://vivendoeaprendendo.org.br/o-que-e-a-vivendo-e-aprendendo>> Acessado em 19 de mar de 2014.